

VIVÊNCIAS GRUPAIS NA SAÚDE MENTAL E GERONTOLOGIA: Uma Ferramenta Para o Trabalho em Saúde

Leila Mariza Hildebrandt¹
Marinês Tambara Leite²
Solange Maria Schmidt Piovesan³
Marinez Koller Pettenon⁴
Juliana Renner⁵
Elisângela Oleiniczak⁶

Resumo

Este estudo constitui um relato de experiência, do Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia da Unijui (Gesmg), o qual desenvolve ações junto ao Grupo de Socioterapia do Bairro Glória e com os idosos residentes na Casa Lar de Ijuí/RS. Objetiva sistematizar as atividades desenvolvidas nestes grupos; socializar as experiências vivenciadas; propiciar aperfeiçoamento aos estudantes; oportunizar momentos de escuta e exercício de socialização a pessoas cujos vínculos sociais encontram-se fragilizados; produzir conhecimento e divulgar uma metodologia de intervenção grupal. No Gesmg participam 17 acadêmicos de Enfermagem e quatro docentes. Tem o objetivo de estudar e discutir temas referentes à área da saúde; organizar eventos, elaborar trabalhos de iniciação científica e coordenar as atividades desenvolvidas nos dois outros grupos em que atuam. No Grupo de Socioterapia do Bairro Glória são assistidos 12 sujeitos com vínculos sociais comprometidos e tem-se como propósito oferecer espaço de socialização. Na Casa Lar residem 18 idosos, cujas vinculações familiares encontram-se pouco solidificadas, além de conviverem com dificuldades financeiras e de autocuidado. Nela desenvolvem-se ações de cuidado, socialização e de escuta. Também faz-se a interlocução com a Unidade Básica de Saúde, referência da Casa Lar. Estes espaços se constituem em mais um *lôcus* de aprendizagem para professores e estudantes.

Palavras-Chave: Saúde mental. Gerontologia. Atividades grupais. Enfermagem

GROUP EXPERIENCES IN MENTAL HEALTH AND GERONTOLOGY: a tool to the work in health

Abstract

This work consists in a report of experience in the Project of Extension of Unijui, that develops action in the Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia (Group of Studies in Mental Health and Gerontology), Grupo de Socioterapia (Group of Socioterapy) at Bairro Gloria and to the elderly residents in the Casa Lar de Ijuí/RS (Home of Ijuí/RS). The main goal is to systemize and to socialize the activities developed in these groups; to allow improvement to the students; to provide moments of listening and exercise of socialization to people whose social bonds are fragile; to produce knowledge and to advertise a methodology of group intervention. In the group of studies there are 17 nursing academics and four teachers. It has the objective of studying themes regarding the area of health; to organize events, to accomplish works of scientific initiation and to coordinate the activities developed in the other two groups that they take part. In the Group of Socioterapy are attended 12 individuals with committed social bonds and it had as purpose to offer socialization space. 18 seniors live in the Home, whose the family bonds are thin, besides, they live with financial difficulties and of self care. In the Home, actions of care, socialization and of listening are developed. Also, the communication with the Basic Unit of Health, reference of the Home. These spaces are constituted in a learning locus for teachers and students.

Keywords: Mental health. Geriatrics. Nursing. Socialization. Learning.

¹ Enfermeira, mestre em Enfermagem Psiquiátrica, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – e-mail: leilah@unijui.edu.br

² Enfermeira, doutora, em Gerontologia Biomédica, docente do Departamento de Ciências da Unijui. marinesl@unijui.edu.br

³ Enfermeira, mestre em Educação nas Ciências, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui. E-mail. piovesan@unijui.edu.br

⁴ Enfermeira, especialista em Gerontologia, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijui.

⁵ Estudante do curso de Enfermagem da Unijui, bolsista Pibex/Unijui, período 2006 e 2007.

⁶ Estudante do curso de Enfermagem da Unijui, bolsista Pibex/Unijui, período 2008.

As atividades do projeto “Trabalhando com grupos operativos: a vivência do Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia, Socioterapia do Bairro Glória e Idosos da Casa Lar de Ijuí/RS” preveem a intervenção em três espaços, quais sejam: Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia, Grupo de Socioterapia do Bairro Glória de Ijuí/RS e idosos da Casa Lar de Ijuí/RS. Um dos aspectos relevantes desta atividade diz respeito à possibilidade de qualificação de estudantes e docentes do curso de Enfermagem em relação à vivência e coordenação de grupos, bem como o fortalecimento teórico nas áreas de saúde mental, gerontologia e grupos.

Em relação à qualificação, nossa experiência aponta que muitos dos estudantes que integraram o Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia após o término do curso de Graduação, foram contratados por instituições para atuar nas áreas de saúde mental, gerontologia e em instituições nas quais desenvolvem trabalhos com grupos. Alguns ingressaram em residências e outros, ainda, obtiveram aprovação em pós-graduações *Lato sensu e Stricto sensu* nestas áreas, pois foram estimulados a dar continuidade a sua formação profissional. Ao encontro dessas ideias, Camara, Damásio e Munari (1999, p. 195) observam que “o trabalho em grupo é uma realidade no cotidiano do trabalho da Enfermagem, sendo vivenciado em todo o período da formação acadêmica do enfermeiro, bem como em toda a sua vida profissional, seja na atenção direta aos clientes, seja ou na relação com a equipe de trabalho”.

Na sequência faz-se a descrição e análise das atividades desenvolvidas em cada um dos espaços de atuação.

Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia

O Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia é, atualmente, formado por quatro docentes de Enfermagem e 17 estudantes do curso de Graduação em Enfermagem, matriculados entre o primeiro e oitavo semestres do curso. Ainda em relação ao enquadre grupal, o trabalho é desenvolvido

por meio de reuniões semanais, em local, dia e horário previamente agendados para tal, com duração de duas horas. Utiliza-se o espaço da universidade e os encontros constituem-se em um momento no qual se estuda e se discute temas referentes às áreas em questão, a partir da experiência e da leitura de bibliografia pertinente. Além disso, partilha-se coletivamente o aprendizado obtido nos diferentes grupos com os quais se interage. As sessões grupais são registradas em diário de campo/ata e tais registros subsidiam a produção de trabalhos científicos, que são apresentados em eventos, e na elaboração de artigos e de relatórios.

É um grupo aberto, de acordo com Zimmerman e Osório (1997), pois permite o ingresso de novos membros na medida em que ocorre saída de um ou mais de seus integrantes por ocasião da conclusão do curso, abandono ou afastamento para aperfeiçoamento profissional. Caracteriza-se como sendo um grupo operativo do tipo ensino-aprendizagem, entendido como um espaço de “aprender a aprender,” no entendimento desses autores. Um grupo operativo é aquele que tem a finalidade de “mobilizar estruturas estereotipadas, obstáculo à comunicação e à aprendizagem, despertadas pelo temor à mudança, provocando, conseqüentemente, maior flexibilidade de papéis e esclarecimento que podem facilitar o aprender a pensar e a resolução da tarefa” (Fernandes, 2003, p. 188).

Este Grupo tem como tarefa, também, planejar e coordenar o trabalho desenvolvido com o Grupo de Socioterapia do Bairro Glória, participando semanalmente das sessões grupais, por meio do revezamento de seus membros, embora o bolsista tenha a tarefa de participar de todos os encontros. Ressalta-se que as atividades desenvolvidas no referido grupo são planejadas de forma conjunta, entre estudantes, professores e seus integrantes.

Outro dado relevante é o fato de os estudantes que compõem o grupo de estudos terem a possibilidade de falar de suas experiências pessoais e acadêmicas no espaço grupal. Frequentemente relatam situações dolorosas por eles vivenciadas, o que favorece a troca de experiências e o fortalecimento da solidariedade entre eles. Isto, no entendimento de Munari e Furegato (2003), constitui-se em fato-

res curativos, definidos como elementos norteadores para a efetividade do grupo terapêutico. A catarse, o altruísmo, a coesão grupal, o aprendizado pessoal e a universalidade são os fatores curativos mais presentes neste grupo, embora a instilação de esperança também seja identificada. Estas constatações vão ao encontro de um estudo realizado por Luciano (2004), no qual destaca que o Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia, além de ser um lugar para aprender sobre saúde mental, gerontologia e grupos, também proporciona suporte para o enfrentamento das vivências cotidianas.

É importante destacar que o desenvolvimento desta modalidade de intervenção serviu de temática para a elaboração de estudos monográficos de conclusão de curso e de trabalhos de iniciação científica.

Grupo de Socioterapia do Bairro Glória

O Grupo de Socioterapia do Bairro Glória iniciou suas atividades em 1995. Atualmente conta com 12 integrantes, cujos vínculos sociais e de saúde encontram-se fragilizados. Em sua maioria são portadores de psicose ou neurose grave, residem no bairro homônimo do município de Ijuí/RS e suas proximidades. Caracteriza-se como um grupo operativo comunitário terapêutico e tem como propósito principal a socialização. O grupo operativo, na compreensão de Zimmermann e Osório (1997) deve centrar-se na tarefa proposta. Um grupo é comunitário terapêutico, de acordo com os mesmos autores, quando beneficia comunidades e tem por finalidade a melhoria de situações vinculadas ao adoecimento, quer no plano físico, quer no plano psíquico ou em ambos.

Em relação ao enquadre grupal, os encontros são semanais, às quintas-feiras, com duas horas de duração. Nas sessões grupais realizam-se diversas atividades que servem de mote para promover a integração das pessoas, contribuindo para a socialização. Nesse sentido, Munari e Furegato (2003) contribuem argumentando que socializar significa ajudar pessoas com episódios de perda, que interromperam seus vínculos sociais, a se reintegrarem na sociedade, buscando novas alternativas para a sa-

tisfação interpessoal. Considerando as características dos indivíduos que participam deste grupo, entende-se que a sua finalidade vai ao encontro de suas demandas, uma vez que na enfermidade mental, em especial na psicótica, há comprometimento da convivência pessoal e social, caracterizado por retraimento e incapacidade para desempenhar os papéis domésticos e ocupacionais cotidianos, como observam Kaplan, Sadock e Grebb (2003).

O trabalho realizado é, preferencialmente, artesanal, e inclui desde a pintura em tecido, bordado, tricô, crochê, trabalho com argila, marcenaria, confecção de tapetes, leituras, confecção de enfeites de Natal e Páscoa, até jogo de cartas, entre outros. Também se desenvolve atividades relativas aos aspectos estéticos, em que se faz o trabalho de manicure, pedicure, sobrancelha e barba. Aqueles sujeitos que conseguem realizá-las são estimulados a continuarem independentes, já os que mostram dificuldade são auxiliados por um estudante ou professora. Além disso, organizam-se festas comemorativas (aniversários, Páscoa, Natal) e passeios a diferentes locais, nos quais os integrantes possam curtir a natureza, compartilhar suas histórias, fazer lanche, jogar, entre outras atividades.

Vale lembrar que a confecção de uma peça artesanal reforça a autoconfiança e a capacidade que os indivíduos, muitas vezes, perderam ou que lhes “foi tirada” em virtude de sua condição de fragilidade. É importante destacar, ainda, que a proposição destas atividades tem suporte nos estudos de Contel (1997), quando este afirma que oficinas terapêuticas constituem-se em uma modalidade benéfica e eficiente para pessoas psicóticas crônicas, possibilitando a expressão verbal, a diminuição do sentimento de isolamento, o incentivo à cooperação entre os integrantes do grupo, melhorando a autoestima, o reforço da noção de realidade externa, o estímulo à relação interpessoal, o resgate da responsabilização e o encorajamento para prosseguir no grupo.

Percebe-se que no decorrer da trajetória já percorrida houve a formação de vínculo entre seus integrantes, revelando-se este um dos quesitos importantes para que o grupo seja operativo. O vínculo passa a existir quando o indivíduo é internalizado pelo outro e internaliza o outro dentro de si, ou seja,

quando ocorre mútua representação interna (Osório, 2003). Nesta perspectiva, Abduch (1999) explica que há vínculo

quando a indiferença e o esquecimento deixam de existir na relação, passamos a pensar, a falar, a nos referir, a lembrar, a nos identificar, a refletir, a nos interessar, a nos complementar, a nos irritar, a competir, a invejar, admirar, a sonhar com o outro e com o grupo.

Este aspecto pode ser ilustrado observando-se que os indivíduos preocupam-se uns com os outros, sentem saudade, se irritam, se abraçam, ajudam-se, enfim, estão vinculados uns aos outros.

Outro dado fundamental diz respeito à regra do sigilo, que tem sido preservada neste grupo, o que possibilita às pessoas falarem de si, de seu cotidiano, de seu processo de adoecimento, de seu tratamento, de sua família ou de quaisquer outros assuntos que desejarem. Esta regra reforça a confiança basal e a adesão dos participantes à atividade grupal, alentando o sentimento de pertença. Este dado é relevante, pois como destaca Zimermann (2000), se um ou mais membros do grupo não conterem suas angústias e extravasarem para pessoas que nada têm a ver com o grupo, este possivelmente estará destinado ao fracasso, visto que todos poderão se sentir ameaçados, temendo a violação de seus segredos íntimos.

Além dessas atividades, estabelece-se uma proximidade com os familiares por meio de visitas domiciliares, objetivando melhor conhecer estas pessoas e orientá-las acerca da condição vivenciada pelo integrante do grupo. Paralelamente, tem-se como propósito ofertar um momento de escuta para eles, uma vez que conviver com pessoas acometidas por uma enfermidade mental, em especial psicótica, provoca sobrecarga e desgaste ao grupo familiar, posto que ter um familiar com um quadro psicótico é uma experiência ímpar que, em muitos casos, envolve vizinhos, serviços de saúde, polícia, entre outros atores (Macedo, 1997). Este autor reforça que a família desenvolve um grau importante de sofrimento por perceber que seu familiar psicótico está cada vez mais empobrecido. Do mesmo modo, vale ressaltar que orientações, informações e suporte à família são necessários para o sucesso

da reinserção social destes sujeitos (Bandeira; Barroso, 2005). Na mesma perspectiva, Koga e Furgato (1998) relatam que há sobrecarga dos familiares na convivência com uma pessoa psicótica que inclui desde modificações das rotinas diárias até o surgimento de doenças físicas ou emocionais em algum membro do grupo familiar, alterações das atividades de lazer e das relações sociais, além de sobrecarga financeira, pois o doente mental dificilmente está inserido no mercado formal de trabalho.

Atenção aos Idosos Residentes na Casa Lar de Ijuí

O Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia também tem como uma de suas atribuições o desenvolvimento de atividades com os idosos residentes na Casa Lar de Ijuí/RS. Do mesmo modo que no grupo de Socioterapia, existe revezamento entre estudantes e docentes nestas atividades e o bolsista sempre participa.

A *Casa Lar* de Ijuí/RS foi instituída pela Lei Municipal nº 2.782, de 27 de julho de 1992, tendo a denominação de “Programa Municipal de Moradia Coletiva para Idosos”, com o “propósito de atender à demanda de moradia para idosos desamparados e sem condições de suprirem despesas com aluguéis” (Ijuí, 1992). A instituição é formada por quatro edificações, cada uma delas comportando quatro módulos residenciais independentes, compostos por banheiro, cozinha e sala multiuso, instalações elétricas e rede de água, totalizando 16 módulos. Caso necessário ou se for um casal, cada módulo pode abrigar dois idosos.

Os critérios estabelecidos para habilitar-se ao programa de moradia são: ser idoso com idade igual ou superior a 60 anos, residir no município há mais de cinco anos e não ter moradia, estar desamparado ou possuir baixa renda; ser independente para a realização de suas atividades de vida diária; ter vínculos familiares pouco solidificados ou ausentes; estar desprovido de rede social de apoio, requerendo atenção dos serviços públicos e/ou privados. O idoso que se enquadrar nos requisitos preestabele-

cidos e obtendo uma vaga na *Casa Lar*, firmará um “Termo de Comodato”, por tempo indeterminado, com a prefeitura municipal de Ijuí. Uma vez definido e tendo assinado o documento, o idoso passa a usufruir de um módulo residencial, pode receber visitas, tem garantida sua privacidade e pode afastar-se do local até por 90 dias.

Os residentes devem obedecer algumas obrigações estabelecidas, como: cumprir o horário de visitas, que vai até as 23 horas; zelar pelas condições de infraestrutura dos módulos; respeitar os demais moradores e dividir o módulo com outra pessoa, esta última somente quando determinado pela coordenação do programa.

As atividades ali realizadas constituem-se em encontros, individuais e coletivos, ofertando um espaço de escuta a esta população, além de se oferecer orientações sobre temas oriundos das vivências dos idosos. Também são feitos encaminhamentos aos serviços de saúde quando necessário.

O trabalho de natureza grupal assume importância relevante neste contexto em que os idosos possuem vínculos familiares fragilizados, propiciando um espaço de escuta e o exercício de socialização entre este contingente populacional. Esta percepção vai ao encontro do entendimento de Zimmerman (1997, p. 333), que afirma que encontros grupais com idosos assumem uma importância extraordinária no “sentido de promover a reconstrução da identidade que pode estar algo confusa ou perdida e, por conseguinte, propiciar o resgate de vínculos com familiares (...)”.

A intervenção grupal junto a estes idosos pode se caracterizar como um grupo de suporte, cujos principais objetivos, segundo Mello Filho (2000), são reforçar a autonomia, elevar a autoestima e autoconfiança e possibilitar uma maior conscientização do indivíduo sobre si mesmo. Além disso, são repassadas orientações acerca de temas de interesse dos moradores daquele espaço, de forma individual ou em encontros coletivos, particularmente para os idosos que apresentam dificuldades para gerir seu autocuidado. Ainda, quando necessário, realiza-se encaminhamento de idosos a serviços de saúde, especialmente para a Unidade Básica de Saúde, Clínica de Fisioterapia da Unijuí.

Paralelamente esta atividade colabora na formação do acadêmico de Enfermagem, pois fortalece as discussões sobre a gerontologia e destaca a importância do trabalho em grupos com este contingente populacional. Salienta-se que tanto a “gerontologia como a geriatria abrigam profissionais especializados dedicados ao tratamento da velhice, sendo ela entendida como o processo de modificações que ocorre no organismo humano em relação à duração cronológica, acompanhado de alterações de comportamentos e de papéis sociais” (Freitas; Maruyama; Ferreira; Motta, 2002). Estes autores mencionam, ainda, que é necessário examinar o lugar destinado a esta população e que representação se faz dela nos diferentes tempos e lugares. Além disso, faz-se necessário preparar profissionais para melhor assistir a esse grupo de pessoas, enfocando as questões comuns do envelhecer, que se caracterizam pelas alterações biológicas, mas não dissociadas das necessidades sociais, psicológicas e culturais.

Considerações Finais

À guisa da conclusão, cabe enfatizar que o desenvolvimento deste projeto de extensão possibilita uma aproximação de referenciais teóricos com a prática (ação/reflexão/ação), em que ocorre o envolvimento de docentes e estudantes com a comunidade local, cuja interação resulta em benefícios mútuos. Percebe-se, também, a importância destas atividades para pessoas cujos vínculos sociais e de saúde estão fragilizados (doentes mentais e idosos) e para seus familiares, uma vez que é visível neste contingente populacional a melhora de sua condição.

Como o projeto não estipula um tempo determinado para sua finalização, os resultados obtidos até aqui apontam para a necessidade de sua continuidade, com a participação de estudantes e docentes. A presença do bolsista Pibex/Unijuí é fundamental para a manutenção do trabalho que vem sendo desenvolvido, pois o mesmo, além da participação efetiva nas atividades, faz o registro de todas as ações desenvolvidas, permitindo a sistematização deste trabalho e constitui-se no elo contínuo de aproximação dos diferentes grupos existentes.

Também vale salientar que até o presente momento não houve maiores dificuldades no desenvolvimento da experiência grupal em que se está inserido. Por vezes experimenta-se disrupções grupais, contudo entende-se que, no campo grupal, ora as forças coesivas se sobrepõe ora as disruptivas, como bem observam Zimerman e Osório (1997). Na medida em que se identificam movimentos de disrupção, passa-se a discutir com os respectivos grupos na tentativa de compreender o que está ocorrendo, nos diferentes campos grupais, e busca-se as soluções possíveis para que a coesão se reinstale.

Outro fator que em muitas situações dificulta a atividade com os idosos é a inexistência de um ambiente que acolha todos os indivíduos em um mesmo espaço. Os encontros acontecem em local entre os módulos, exigindo que se realizem vários momentos para atingir os moradores da Casa Lar e, mesmo assim, nunca se congrega todos ao mesmo tempo.

Considerando este cenário, a participação nestes grupos possibilita um aprendizado, tanto para docentes como para discentes, pois além de permitir vivência prática na coordenação de grupos, existe a preocupação com a produção científica e a integração do tripé extensão-ensino-pesquisa. No intuito de corroborar, Osório (2003, p. 29-30), baseando-se em Pichon-Rivière, assegura que “quando, se está aprendendo, embora não conscientemente, estamos abandonando formas estereotipadas de ver o mundo ou a realidade, tal qual ocorre em um processo terapêutico”.

Em síntese o desenvolvimento desse trabalho qualifica a formação acadêmica possibilitando que os estudantes tenham visão crítica e conduta profissional transformadoras da coletividade, gerando impacto positivo na população assistida. Também constitui-se em uma aproximação da universidade com a sociedade interna e externa, reafirmando sua inserção na comunidade local.

Referências

ABDUCH, C. Grupos operativos com adolescentes. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos, juventude, saúde e desenvolvimento*, Brasília, DF, v. 1, ago. 1999.

BANDEIRA, M.; BARROSO, S. M. Sobrecarga das famílias de pacientes psiquiátricos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 54, n.1, p. 84-96, 2005.

CAMARA, M. F. B.; DAMASIO, V. F.; MUNARI, D. B. Vivenciando os desafios do trabalho em grupo. In: LABATE, R. C. (Org.). *Caminhando para a assistência integral*. Ribeirão Preto: Scala, 1999.

CONTEL, J. O. B. Psicoterapia de grupo para pacientes internados e egressos. In: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERNANDES, W. J. Os diferentes objetivos do trabalho grupal. In: FERNANDES, W. J. et al. *Grupos e configurações vinculares*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 185-193.

FREITAS, M. C.; MARUYMA, S. A. T; FERREIRA, T. F.; MOTTA, A. M. A. Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 221-228, mar.-abr. 2002.

IJUÍ/RS. Secretaria Municipal de Ação Social. *Lei Municipal nº 2.782*, de 27 de julho de 1992.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

KOGA, M.; FUREGATO, A. R. Convivência com a pessoa esquizofrênica: sobrecarga familiar. In: LABATE R. C. (Org.). *Caminhando para a assistência integral*. Ribeirão Preto: Scala, 1998. p. 363-377.

LUCIANO, C. F. *A vivência em atividade de natureza grupal durante a formação universitária: o que dizem os egressos da área da saúde da Unijuí. Trabalho (Conclusão de Curso de Graduação em Enfermagem) – Unijuí, Ijuí, 2004.*

MACEDO, Z. o que é ser familiar de doente mental. *Informativo psiquiátrico*, v. 16, n. 3, p. 117-119, 1997.

MELLO FILHO, J. de (Org.). *Grupo e corpo: psicoterapia de grupos com pacientes somáticos*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MUNARI, D. B.; FUREGATO, A. R. F. *Enfermagem e grupos*. Goiânia: AB Editora, 2003.

OSÓRIO, L. C. *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. e Cols. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

ZIMERMAN, G. Grupos com idosos. In: ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artmed, 1997.